

SONETOS ERÓTICOS

(livro em processo)

Renato Tapado

1

Esse sorriso que exalas,
traço impuro de promessas,
carrega tudo o que calas,
pássaro em vôo às avessas.

Com que véus se insinua
tua boca em clara malícia?
Não sei dizer: estás nua
quando ris, tornas delícia

o enigma destes momentos.
Qual o sentido que trazes
nos lábios quase sedentos?

Tua pele me dilacera
quando ardes num mistério:
e minha fome faz-se espera.

2

Há algo misterioso nos teus seios,
e busco em vão esclarecer seus halos.
Apelo às minhas mãos, não tenho meios
de descobrir o enigma sem tocá-los.

Disposto a encontrar algo que sele
minha curiosidade insaciável,
pesquise a seda rósea da tua pele
com minha língua e sua palavra afável.

É madrugada. Mudo o meu caminho
e percorro o teu corpo como um pássaro
buscando a fome cálida no ninho.

Pergunto ao corpo, mas estás dormindo.
E mesmo assim minha sede é satisfeita
com essa resposta que me dás sorrindo.

3

Abri meus olhos: tudo se aqueceu
com a polpa clara, a pele doce seda.
Que minha saliva atrás do gineceu,
em recomeço eterno, me conceda

essa picante espera: ela promete
depor meu tédio diante da abertura
sem fundo, sem cancela, que submete
meu sonho a sua sensual brancura.

Minha boca se aproxima. Ela já sabe
o abismo suculento dessa esfera
na foz de uma nascente que a circunda.

Mato minha sede. Meu desejo cabe
inteiro onde só essa entrega impera:
alvo redondo que meu suco inunda.

4

Palha feliz, essa em que me deitaste,
dispondo à pele a cálida penugem.
Roçando nela tira-se a ferrugem
do corpo, e já se ergue toda a haste.

Em minha nudez espeta tal esteira,
qual toques num faquir adormecido.
Mas teu corpo macio, amanhecido,
traz a sombra serena da parreira.

Então, crepita a palha, acende o instante
de tanta fricção na carne dura,
queimando a chama viva num rompante.

É quando cessa a tímida ternura,
e vem à tona a seiva salpicante –
cansaço e distensão, fim da aventura.

5

Pele carmim, de franca ressonância,
que minha voz, lançada muda, sabe.
Eco que engole, oco, minha ânsia,
onde minha língua ensandecida cabe.

Lugar em que a utopia se dissolve
morrendo em ofegante devaneio.
Nenhum projeto, tudo se resolve
nessa esfera que me prende no meio.

Palavra zero, fosso da escritura,
esse momento em que minha língua avança,
e um óleo torna a minha carne dura.

Sabor de dentro, cereja madura
deixando rubras as bocas em dança –
até que a rosa cale em sua loucura.

6

Pensar, depois. Agora, não há tempo
diante desta urgência libertina.
O instante treme. Tudo desatina,
e o minuto seguinte é um contratempo.

A pele tem a fome de uma ira,
cálida esfera rosa, voz gritante,
que exige em sua febre algum rompante.
Então teu corpo, obedecendo, gira.

Nenhum atalho. Tudo se concentra
nesse ponto onde os músculos se abrem,
e esse desejo inadiável entra.

Combate vão, já que não há vencidos –
só o júbilo comum do nosso gozo
arrefecendo todos os tecidos.

7

É um doce deleite o que me entregas,
abrindo as tuas coxas sem receio.
Vislumbro essa delícia e bem no meio
disponho minha porção, em que te esfregas.

Adio esse sabor, sabes mantê-lo
como um belo bom-bom, tão bem guardado,
que vais saboreando com cuidado,
com tal langor que me arrepia o pêlo.

Mas tudo, infelizmente, tem sua hora,
e não podendo mais guardar o gozo,
abrimos nossos corpos sem demora.

Ainda assim, é grande a nossa sede,
Então vamos sugando o que nos sobra
até adormecermos nessa rede.

8

Estamos na penumbra. Só uma vela
desenha a parca sombra do teu dorso.
Mas quero ver-te mais, então eu torço
teu corpo, e o que deslumbra se revela.

Tão pouco lume, e eu vejo, no entanto,
a clara ondulação do teu relevo,
que me alucina como algum enlevo,
meu corpo se apagando em teu encanto.

A luz tremula, e tua pele pede
o afago de meu músculo mais quente,
que agora pulsa e tudo te concede.

E assim a vela vai se consumindo,
e o meu corpo em tua febre pressente,
no ápice do ardor, que estás sorrindo.

Viras pra mim tua nudez redonda,
e meus olhos recebem esse abalo:
meu corpo treme como numa onda,
quero dizer o impacto, mas me calo.

Não sei quem te moldou em redonduras,
com partes escondidas, raros pêlos,
em claras regiões, outras escuras,
dois pêssegos que chamam a comê-los.

E minha fome vai se avolumando,
a saliva se excita, a pele arde,
e perco as referências de onde, quando.

Então, as tuas conchas me enovelam,
entro em seu doce encanto, e bem mais tarde
teus úmidos segredos se revelam.

O tempo inteiro é nosso, então fruímos
instantes sem promessa, esses lençóis
onde, desde a manhã, nos possuímos –
e me cobres de ataques, mas não dóis.

Rolamos o desejo até a preguiça
interrompendo o auge e o seu cansaço.
Vale tudo nessa morosa liça
para adiar o derradeiro abraço.

São três da tarde. Imersos na espera
provocamos o gozo até o limite,
e nossa sede já nos exaspera.

São três e meia. Fracos, exaurimos
nossa energia em doce desperdício.
Então, saciado o êxtase, dormimos.

11

A tarde se desfaz. Nessa penumbra,
à espera de uma Lua luminosa,
deitamos os dois nus. Ela deslumbra
com o lume de sua pele deliciosa.

Ninguém se movimenta, o ruído cessa
no incipiente escuro. Aguardamos
a fibra do desejo. Não há pressa.
Apenas há o perfume que exalamos.

Depois, surpresa em mim, ela inicia
um périplo de seda com sua língua,
lentamente em meu peito, depois desce.

Cada vez mais sua boca me sacia.
Até que à luz da Lua – eu quase à míngua –
revela-se o que nenhum corpo esquece.

12

Puro cetim brilhando num veludo,
teus olhos são a fenda inacessível
nessa pele de ébano impassível,
passando em frente ao meu desejo mudo.

Caminhas, e teu brilho cor de jade
dispersa a timidez – me sinto o vento
ganhando no deserto a cor da tarde.
Mas passas como tudo – e eu, sedento.

Que faço com tua cálida elegância
e a flora que dás com teu sorriso?
Só, te contemplo, e meço a minha ânsia

de ter teu corpo aqui, nesta centelha.
E o teu olhar, em seu verde preciso,
me acolhe como a flor a sua abelha.

13

Tão nua estás, quase uma leve ofensa
a esse pudor que trago como escudo.
Tua pele com sua luz, a minha, tensa.
Diante dos teus olhos perco tudo.

Tento compor com tua nudez a imagem
de uma definição quase impecável.
Quem dera, eu terminasse essa viagem
que não tem fim: o meu olhar amável

captando a claridade de um mistério.
Agora, te abres, vens a mim, ousada,
confundindo meu corpo e seu tom sério.

E eu sorvo teu silêncio como o orvalho
a excitar a fibra desfolhada.
Teu corpo doce, assim, é agasalho.

14

Como licor, teu lírio tem um gosto
doce, cálida fonte, mel impuro,
abrindo a luz na pele do teu rosto,
contendo meu ardor, músculo duro.

Sorris, e tua boca me comove,
quando me comes com todas as flores,
as coxas duras, nossos membros – nove –
entregues aos seus lúbricos tremores.

Nunca te vi tão bela nessa entrega,
o meu olhar sedento te engolindo,
tua boca que me acolhe e em mim se esfrega.

E nessa sede, uma fagulha acende,
vibrando em teu abalo que vem vindo.
Diante do teu corpo, o meu se **acende**.

15

Caminhas como o escuro cervo andino,
a procurar prazeres pela casa.
Teus passos são uma dança, e tua brasa
acende teu meneio feminino.

Tua pele escura abraça o meu segredo,
compondo em seu bailado a doce espera.
Me lança a essa viagem, vou sem medo,
buscando no teu corpo a quente esfera.

Giras. Então, teu eixo me confunde,
turva meus olhos. Tremem os meus membros,
dispostos a ceder ao teu assédio.

E antes que teu perfume me inunde
já penso em outro instante, outros setembros,
gozando esse teu lume contra o tédio.

16

Teus olhos me tocaram. Quase um susto,
estremecendo em mim esse sorriso.

Foi a primeira vez. Eu vi teu busto,
a face doce, o desenho preciso

compondo em tipo raro o meu espanto.
Disfarço meu abalo, invento gestos,
mas volto a te encontrar. E te olho tanto –
corpo tão novo – que imagino incestos.

Viras de costas. Meu pudor se atreve
a esquadrihar a tua envergadura:
curvas de seda, pétalas de neve.

Tudo provoca minha libido acesa.
E sonho com tua cálida brancura
roçando em minha descrença tua certeza.

Abre-te inteira para o meu desejo:
a pele tensa, os poros e seus ais,
e mais embaixo, aquilo que não vejo,
só pressinto, procuro, e encontro mais.

Eu sei essa umidade doce, o sim
que me ofereces em teu seio quente,
tua boca avermelhada, a outra ardente,
dispostas a verter seu óleo em mim.

Sou minha língua: mudo, vou tecendo
Um labirinto em ti, na frente, atrás,
e rolas como um gato adormecendo.

Então, minha boca roça o teu momento.
Eu sugo tudo o que teu corpo traz.
E quanto mais te seco, mais sedento.

18

Quando tua pele fulge, assim devassa,
pressinto o cheiro doce de tuas coxas,
o calor dos teus seios – flores roxas
chamando meu desejo. Então, se esgaça

teu corpo em devaneio. E nessa oferta,
eu sugo o teu suor, dublê de sede,
mescla de ácida fruta, rosa aberta,
tuas pernas me cobrindo como rede.

Tudo circula, os líquidos, as ânsias,
tuas ancas me comendo com sua fúria,
o aroma de jasmim, tuas reentrâncias...

E nada mais tem fim, só languidez
mordendo a resistência até a penúria.
Exaustos, começamos outra vez.

19

Ai, essa fome tua, que surpresa,
abrindo o que era o último pudor,
as pernas bambas, tua cintura acesa
que se entrega. Só há prazer, sem dor.

Escolho a posição pro teu conforto,
e ávida me acolhes num abraço.
Vou chegando por trás (somos um laço)
como um barco penetrando em seu porto.

Na frente, com a mão, moves teu leme
embriagado e lubrifico, à espera
do instante em que a nossa carne treme.

E chega o desenlace para mim,
lanço meu gozo, gozas em tua esfera,
e a noite brilha em tua pele carmim.

Contigo, sou mais homem do que nunca,
levando até o limite minha libido.
Como encaixamos! Nada aqui se trunca.
Provamos tudo o que é desconhecido.

Os toques que me fazes, os teus lábios
depositando em mim tua ternura:
gotas de licor. Nossos corpos sábios
degustam seu segredo em carne pura.

Então, te entregas, abrindo devassa
tudo que podes, assim tão sedenta,
que não sabemos do tempo que passa.

Eu bebo todo líquido que lanças
em minha língua, numa urgência lenta.
E penetro tua flor, enquanto danças.

A tua ausência, ai, quase me afoga,
quando me encontro teso e sem amparo.
Lembro teu corpo e seu abraço raro,
tua fome que qualquer langor revoga.

Aqui, sozinho, o fogo que estimulas
me deixa as pernas moles, a tez, rosa.
As horas que padeço, tu anulas,
até esqueço poesia e prosa...

Então, pego o caderno e a caneta,
disposto a extravasar o meu dilema –
e aqui te oculto essa outra rima (em –eta).

Escrevo minha premência em cada traço,
pensando em tua pele, esse poema,
e com a mão esquerda me desfaço.

Estamos nus no abraço, e eu te ofereço
palavras obscenas, sussurradas,
e as coisas que respondes, depravadas,
eu saboreio e nunca mais esqueço.

Mastigo as sílabas, mordo tuas curvas,
e tudo que me entregas são delícias:
gestos, gemidos, palavras, carícias,
e a noite estende suas águas turvas.

Então, no lusco-fusco mergulhamos
em fendas oleosas, corpos duros,
com a maciez que, juntos, desfrutamos.

E tudo se desmancha nesse atrito,
ficando apenas nós, desejos puros,
e das palavras resta, só, um grito.

Desperto, e tu suspiras ao meu lado.
Rolas teu corpo tão felinamente,
dispondo, assim, teu dorso acetinado,
que armo meu abraço lentamente.

Ainda sonho. Ronronas de leve,
fazes uma careta e um meneio,
sorris dormindo, e num delírio breve
me levavas novamente ao devaneio.

Mas uma parte de mim se levanta,
rompendo essa modorra matutina,
e agora tenho sede, fome, e tanta,

que, olhando as tuas coxas, já salivo.
Quando acordas, teu beijo me alucina,
e eu agora sei por que estou vivo.

Do teu corpo, já não guardo mistério –
o mapa da tua pele está em mim.
Nosso sexo tem cheiro de jasmim,
e quanto mais ousado, mais é sério.

Palmilho tua pele, e tudo é gozo
que trazes em teus poros. Eu me perco
buscando teu calor, e nesse cerco,
o meu caminho é doce e sinuoso.

De repente, teu gesto surpreende
Querendo no meu íntimo esse ponto
que tu sabes tocar e que me acende.

Assim, me entrego todo e sem rodeios,
até que, de prazer, me deixas tonto,
e morro sem morrer sobre os teus seios.

Me tens, é tudo. Já gozamos tanto
nossas horas, que somos mais que amigos.
Em cada beijo teu, tenho um encanto.
São doces tuas mãos; teus seios, figos...

Sorris como quem sonha. Teus olhares
são marinhos, teus pés me acariciam
como espuma. Dormes. Quando acordares,
nossos corpos, que nunca se saciam,

serão um só nessa lassa manhã.
Tua pele clara, tua concha rosada
levam à minha língua tua maçã.

Esse acordar lascivo, eu não esqueço:
tua boca me deslumbra como fada...
Eu não perco a ternura e endureço.

Tua voz já me pertence. Ela ecoa
em meu corpo vazio trazendo a falta
que fazes, a saudade, antes que doa
a tua ausência em mim. Minha alma salta

quando falas um ai ao telefone.
Lembro tua cor, a febre da tua pele
roçando em mim o seu desejo insone,
e temo que qualquer coisa cancele

esse instante de fogo. Tudo incita
o encontro de minha boca com teu centro,
o calor que fazemos, o que excita

a úmida vertigem escondida.
Então, a fome que nos rói por dentro
acha seu fim na última mordida.

27

Saudade da tua pele, do perfume
inconfundível, fresco como mar,
que exala o teu desejo. Esse lume
em teu corpo me reensina a amar.

A tua voz, ausente, me faz falta,
a tez que decorei, tua cor ardente,
as coxas firmes, teu jeito peralta,
tudo que fazes, o meu ser consente.

Agora, sem você, meu corpo chora.
Nada a dizer. Retorno à estaca zero.
O nosso sexo, ai, já não tem hora.

Limite do desejo: este soneto
sem carne, sem parceira, mas sincero,
lembra a harmonia do nosso dueto.

O teu olhar, imenso e verde, assusta,
como um felino, de um langor esquivo.
Fico confuso, alvo do teu crivo,
e suportar teu fascínio me custa.

Como te ver, quando tu me embaraças,
e meu corpo gagueja, e tudo joga
como num barco ardente? Ai, não faças
do teu corpo – mistério – a minha droga.

Tento fugir – teus olhos me perseguem
em seu verdor brilhante e obsceno.
E os meus te buscam tanto – embora neguem.

Agora, nua, teu corpo me pede.
Na minha entrega, te encaro de frente,
e o medo dos meus olhos se despede.

Teu corpo nu ao sol. Quanta delícia
eu vejo sem te apreender – fogosa –
nessa distância, quase uma carícia,
em tua cadência vasta e luminosa.

Dormes de bruços. Teu volume ostenta
esse mistério aberto e movediço.
Ao teu encalço, minha alma esquenta,
e meu desejo a ti é submisso

como o felino à inalcançável presa.
Estás tão perto, quase uma miragem,
e de repente, te pões de novo acesa.

Por trás, eu te domino feito um rio
que tudo invade e enlaça, já sem margem,
então te levo, flor de água, ao desvario.

A noite enlouqueceu. As coisas giram
no quarto alucinado. Em nossa cama,
as travas e os pudores se partiram,
e tudo o que nos toca, aqui, se inflama.

Mãos rápidas, calor, gestos ousados
como gatos caçando a sua fome.
Viramo-nos do avesso, atravessados,
e o que tentamos ainda não tem nome.

Que gosto é esse que descubro em meio
à longa e doce trilha em tua pele?
Sabor de cio, cheiro de devaneio...

E quanto mais procuro, mais perdido.
Sim: que toda certeza se esfacele,
e se dissolva em gozo algum sentido.

31

Perdi teu corpo. Como dói o instante
onipresente e lúcido da ausência...
Meus olhos tão vazios, a paz distante,
Meu coração pulsando em vã ardência...

E quanto mais te expulso, mais visitas
meu sonho inquieto em triste madrugada.
Tento esquecer, mas de longe me incitas
a revolver minha sina apaixonada.

Ai, semblante cruel do teu fantasma,
a percorrer meu quarto ensimesmado...
E minha consciência fica pasma

ao me ver tão perdido. E tanto quero,
envolto em meu desejo mal-amado,
que dentro da distância ainda espero.

Assim, em mim, tua face se ilumina:
como essa lua lavada de sonho
na janela, o leite branco, a menina
que você é se abrindo, e eu tristonho

enquanto não me abraças em segredo.
Tudo que calas, engulo sem dor,
mandando o tédio para algum degredo,
lambendo a tua pele e seu sabor.

Quero esquecer. Nessa temperatura
que trazes em teus seios, sóis de linho,
se dissolve a tristeza como neve.

E tudo arde na pura brancura
do luar nos lençóis, fogo no ninho
a perfumar nossa alma mais leve.

Quando te conheci, ai, quanto susto
trouxeste com tua beleza impossível...
Teus cabelos negros, o meigo busto,
teu olhar cor de jade, irresistível

como um felino enfeitando a caça.
E quando falas – sopro de algo raro –
para mim, minha timidez se devassa
– todo o teu corpo azul já me é tão caro!

Se longe, assim, já tua pele encanta,
como será roçar essa delícia
que me entregas, por dentro e por fora?

Sonho com tua imagem, que me espanta –
ter teu sonho comigo qual carícia –
e o verde dos teus olhos me deflora...

Passas na rua como a prometida,
aquela cujo corpo me escancara
pudor e timidez: está na cara
que falta em mim o dom da investida.

Verão aberto, e eu sem voz nem sono
fisgando o teu volume, esse alimento
que finge que sacia – e eu, sedento,
mastigo a tua ausência: um cão sem dono...

Como parar o tempo, raptar-te
para um lugar de sonho e de luxúria,
até que o cotidiano se descarte?

Eu tenho febre, e passas quase nua...
Quero reter tua carne com minha fúria,
mas vais, e meu desejo ganha a rua...

Quando te abraço, és quase uma menina
com teu pudor fingido, os olhos mansos.
Mas sem querer teu corpo vem por cima,
alucinado, longe dos descansos

que nossos corpos, por vezes, desfrutam.
Agora é a fúria das tuas coxas loucas,
tuas ancas em tensão, lábios que lutam
para morder, as nossas vozes roucas

gemendo num compasso exasperado.
Viras de costas, toda entregue ao vício
de te tornares, finalmente, aquela

que cede a sua loucura ao seu amado.
E voltas e revoltas ao início:
adulta que, de tão menina, é bela.